



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

HISTÓRIA DA LUSITÂNIA SEGUNDO ESTRABÃO.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1889 | Número: 6

Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, História da Lusitânia segundo Estrabão. *Revista de Guimarães*, 6 (4) Out.-Dez. 1889, p. 157-166.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

HISTORIA DA LUSITANIA

SEGUNDO STRABÃO

Na sua descripção da Hispanha, Strabão menciona nada menos de quatro Lusitanias.

PRIMEIRA LUSITANIA, «a dos antigos, situada para além do Douro na direcção do norte, chamada hoje a Callaica» (III, 4, 20). É o velho paiz dos Ligures de Avieno e do snr. Sarmiento. Veja-se o estudo do mesmo senhor — *Ora maritima*, esp. pag. 65 e carta respectiva. — Rigorosamente esta passagem não pôde interpretar-se d'outra fôrma: é o primitivo assento dos Lusitanos, uma tradição de tempos muito remotos que chegou ao conhecimento de Strabão.

Comparando o geographo grego com Plínio, pôde determinar-se quaes os povos que aquelle considerava Lusitanos a norte do Douro. Diz o primeiro que os povos extremos da Lusitania eram ao norte os Artabros ou Aretrebos (III, 3, 5). Plínio indica os seguintes desde os Arrotrebos até ao Douro, excluidos os Celticos Nerienses e Presamarcos: Tamaricos, Caporos, Citenos, Helenos, Gravios, Leunos, Seurbos e Bracaros. Estes seriam Lusitanos para Strabão. Diz mais Plínio que entre os Astures, situados segundo Strabão a nascente dos Callaicos, e os Arrotrebos, começando no rio Navia e dentro do *convento Lucense*, ficavam os Albiões, Cibarros, Egovarros e Jadões (IV, 34, 3 e 4). Estes seriam alguns dos povos desconhecidos de Strabão, situados a norte dos Callaicos e dos quaes não valia a pena fallar-se (III, 3, 3).

SEGUNDA LUSITANIA, «tendo por limites, ao sul o Tejo, a oeste e norte o Oceano, a leste o territorio dos Carpetanos, Vettões, Vacceus, Callaicos e outros povos desconhecidos» (III, 3, 3). É a occupação do territorio dos Cempses de Avieno, effectuada pelos Ligures do norte, provavelmente cerca do seculo v, a. C., tambem determinada pelo snr. Sarmiento no seu outro estudo — *Os Lusitanos*, pag. 38.

Do mesmo seculo v é tambem a primeira menção de Celtas no sul da peninsula, que se estabeleceram «para além das columnas de Hercules, na visinhança dos Cynesés» (Herodoto). Parece pois verosimil que os Lusitanos, como depois fizeram mais de uma vez em conjuncturas identicas, talvez fortalecidos com a accessão de novas tribus liguricas (snr. Sarmiento — *Os Lusitanos*, pag. 38), desceriam em auxilio dos Cempses, e que estes afinal ficassem esmagados entre os dois povos, ou se alliassem e fusionassem com aquelles em virtude da sua afinidade ethnica. Strabão recorda que os Lusitanos viviam «desde tempos immemoriaes em guerra uns com os outros, ou com os seus visinhos d'além-Tejo». Estes são especificados, distinguindo-se de todos os outros visinhos. Foi talvez em virtude d'essas guerras que os Celticos da Lusitania, repellidos do Tejo e do mar, se estenderam pela Beturia. Plinio diz que os Celticos da Beturia tinham vindo da Lusitania (III, 3, 10). Foi talvez uma consequencia d'estas luctas a excursão dos Celtas que foram acabar nas immedições do promontorio Nerio (Strabão, III, 3, 5).

O limite meridional dos Cempses era todavia «uma linha que do sul da bahia do Sado se tira para nascente» (snr. Sarmiento — *Ora maritima*, pag. 64), emquanto que, segundo o nosso geographo, o limite meridional da Lusitania (forma 2.^a) era o Tejo, isto é: os Ligures não teriam occupado todo o paiz dos Cempses, ou antes, os alliados Cempses-Ligures, futuros Lusitanos, perderiam toda a região situada entre o Tejo e essa linha tirada do Sado para nascente, limite-norte dos antigos Cynesés ou Cuneos.

Não foi esse porém o unico territorio a que chegou, ou se suppoz mais ou menos cedo que teria chegado, a invasão. Segundo Strabão, que utilisava velhos informadores, os *Celtici* occupavam todo o largo espaço comprehendido entre o Tejo, o Ana e o mar, a sul da Lusitania (III, 1, 6), isto é, todo o paiz dos Cuneos com a terra ganha ao norte sobre os Cempses até ao Tejo. Estas noticias parecem relativas ao periodo da maxi-

ma expansão dos Celtas do sudoeste da península; mas é sabido que o pavor produzido pelas irrupções assoladoras das suas hordas em povos já fixados, multiplicava aparentemente o numero dos invasores; e que a estranheza dos seus costumes (III, 2, 14), da sua lingua e ritos religiosos (Plínio, III, 3, 10), cahia sobre um territorio como uma nodoa sobre uma carta, alastrando e escondendo a côr primitiva da região. Assim succedeu na Celtica, na Celtiberia, etc.

Meio seculo depois de Strabão, Ptolomeu, mathematico e mais moderno, reduz ás suas proporções reaes, segundo parece, o dominio dos Celtas do Ana. Segundo elle, Salacia e Cœtobrix são ainda dos Turdetanos, enquanto que o Barbarium prom. era já dos Lusitanos; portanto os Celticos não chegavam ao mar nem ao Tejo. As cidades dos Turdetanos no interior eram Pax Julia e Julia Myrtilis; portanto ficam a norte de Beja. A nascente, para além do Ana, ficam os seus irmãos da Beturia. A norte nada sabemos; mas, como, segundo Plínio, o limite da Beturia a norte e poente era o Ana, podemos supôr que, do lado da Lusitania, elles não ultrapassavam uma linha, que se prolongue, na direcção do poente, do curso superior do Ana. Sendo assim, o assento dos Celticos da Lusitania, hypothetica e vagamente considerado, occupava o territorio do actual districto d'Evora. A norte d'este e d'uma linha, que vai d'ahi a Setubal, ficam os Lusitanos; a sul d'essa linha e dos Celticos, desorganizada a nação dos Cuneos pela invasão, os Turdetanos, com a sua afinidade ethnica e a intimidade das relações commerciaes e outras, juntam ao seu todo esse paiz desde o rio Ana, que outr'ora delimitava a fronteira dos dois povos e agora lhes fica servindo de estrada commum (Pt. II, 5 e Pl. III, 3, 10).

Sente-se n'isto o resurgir das populações preexistentes, mais numerosas e tenazes. Parece em verdade licito attribuir á região celtica de Ptolomeu o que diz Strabão da sua, que «os seus habitantes eram *na maior parte* os Celticos» (III, 1, 6), «que estes viviam *em geral* dispersos em logarejos» (III, 2, 15). Assim os Celtas seriam principalmente os moradores do campo, habitando por consequencia a maior parte do territorio, os pré-Celtas principalmente os das suas nove cidades; tanto mais que os nomes d'estas, afôra os appellidos, são os mesmos que na Betica (Plínio, III, 3, 10). E pôde certamente acreditar-se que, nas vespas da conquista romana, a geographia politica do sudoeste da península era realmente a de Ptolomeu, tendo os Lusitanos podido reaver quasi todo,

se não todo o territorio dos seus antigos vizinhos os Cempses.

No tempo dos Romanos ainda os Celticos conservam a sua unidade nacional como povos tributarios (Plinio; cf. iv, 35, 6 e iii, 3, 10), graças sem duvida ás suas cidades, mas, atacados os Celtas na sua pureza ethnica pelas populações preexistentes e visinhas, os Cempse-Lusitanos a norte, os Cuneo-Turdo-Lusitanos a sul; atacados no seu barbarismo pela civilização romana; os Celticos desaparecem afinal na grande unidade lusitana creada pelos Ligures e consolidada pela politica administrativa de Roma. Appiano que, um seculo apenas depois de Plinio, fazia a historia especial da conquista da Lusitania, apesar dos seus costumes, lingua e religião estranhas, nem os conhece, e só falla nos Lusitanos d'aquem e d'além Tejo (vi, 56 e 57).

TERCEIRA LUSITANIA, «a d'alguns auctores modernos, comprehendendo entre os povos lusitanos essas mesmas tribus limitrophes (da fôrma 2.^a), Carpetanos, Vettões, Vacceus, Callaicos, etc.» (iii, 3, 3).

Esta versão dos informadores modernos de Strabão discrepa muito da dos antigos para se poder attribuir a mero erro d'uns ou d'outros. Para ser explicada racionalmente é indispensavel admittir a existencia real das duas fôrmas e entre estas algum facto de grave importancia, que determinasse a alteração de limites, e esse facto não pôde ter deixado de produzir-se nos tempos historicos, visto tratar-se de noticias antigas e modernas para Strabão. Tudo isto parece intuitivo.

Esse facto de tão grave importancia, succedido nos tempos historicos, é claro tambem, não pôde ser outro senão a campanha e conquistas de Viriato; pois não pôde regatear-se esta qualificação de conquistas, embora ellas fossem ephemeras, ao alargamento do seu dominio, quer proveniente das suas repetidas victorias, quer de alianças mais intimamente travadas por elle com os povos vizinhos. O mesmo Strabão conta Viriato entre os grandes conquistadores da Iberia: Carthaginezes, Celtas e Romanos, Sertorio e outros chefes, dominados como elle pela ambição de engrandecerem o seu imperio (iii, 4, 5).

É realmente sabido que Viriato conseguiu arredar da sua terra a invasão estrangeira, quasi completamente até ao seu assassinato; é sabido igualmente que elle permaneceu muito tempo na Carpetania, tratando-a umas vezes como quem de-

sejava atrahil-a ao seu partido, outras como paiz conquistado (App. vi, 64); que os seus exercitos se não compunham unicamente de Lusitanos, e já antes e depois da sua alliança com os Titthos, Bellos e Arevacos, eram alliados d'elles pelo menos esses mesmos povos limitrophes da Lusitania (fórma 2.^a), a norte dos Carpetanos: os Vettões, Vaccens e Callaicos, como se deprehe de duas passagens de Appiano (vi, 56 e 70).

É verdade que á morte de Viriato a Lusitania foi quasi logo conquistada; mas, como as diversas regiões da península, além da divisão militar em Citerior e Ulterior, não podiam ser diferenciadas senão pela área de dominio de cada povo, nada surprehenderá que alguns auctores tivessem continuado a considerar a Lusitania como abrangendo todo esse largo territorio, reunido por Viriato, com o qual a Lusitania independente acabou, e que Strabão delimita.

Sendo assim, a 3.^a fórma da Lusitania do nosso geographo poderá ser invocada como documentando a maxima expansão territorial dos Lusitanos, reconhecida por Serviliano no tratado de 141 depois ratificado pelo Povo Romano (App. vi, 69), e como ajudando á determinação do seu papel historico e dos povos que com estes concorreram, talvez successivamente na direcção de sul a norte desde o principio da lucta, para a defeza da faixa occidental da península.

EXPANSÃO DA GALLISA SOBRE O NORTE DA LUSITANIA. Determinando a época da occupação do norte da Lusitania pelos Callaicos, diz o snr. Sarmiento «que ella estava effectuada antes da incursão de Bruto no Entre-Douro e Minho, pois que de Bruto se diz que triumphou dos Lusitanos e Gallegos, e o Douro era já então o limite dos dous povos» (*Os Lusitanos*, pag. 39). Direi as razões por que esta opinião me não parece absolutamente exacta.

A Lusitania que Strabão descreve é a 2.^a, desde o Tejo ao mar Cantabrico. Os povos que lhe ficam limitrophes *a leste* são, seguindo do sul para norte e por sua ordem, os Carpetanos, Vettões, Vaccens, *Callaicos* e outros desconhecidos, de que não vale a pena fallar-se pela sua pouca importancia e obscuridade (iii, 3, 3). Se porém se adoptar a fórma 3.^a, continúa o mesmo auctor, então deverá accrescentar-se que essas tribus confinam *pelo nascente*, os *Callaicos* á nação dos Astures e á dos Celtiberos, e todas as outras á Celtiberia (*Ibidem*). Portanto os limites da Gallécia, contemporanea da 2.^a e 3.^a fórmãs da Lusitania e dos auctores ou informadores,

tanto antigos como modernos, de que Strabão se aproveitou, eram: a sul os Vacceus, a nascente, seguindo do sul para norte, os Celtiberos e Astures, *a poente os Lusitanos*, e a norte os pequenos povos innominados. Esta é a Callecia primitiva¹. Muller, na sua carta III não a indica.

Plinio está de accordo com Strabão. Vem elle descrevendo desde os Pyreneus a costa norte de Hispanha e chega ao Minho. «O rio Minho, que tem 4:000 passos de largo na sua foz. Os Leunos, os Seurbos. A cidade Augusta dos Bracaros, *sobre os quaes está a Gallecia. Rio, o Limia: o rio Douro é dos maiores da Hispanha; nasce no paiz dos Palendões, passa perto de Numancia, atravessa o paiz dos Arevacos e Vacceus, separa os Vettões da Asturia, os Gallecos da Lusitania...*» (IV, 34, 3 e 4). Por consequencia a Callecia está situada sobre os Bracaros, que lhe ficam a poente, a norte o Lima, a sul o Douro, e, como este rio separa os Vettões da Asturia, a nascente a Asturia. Esta é a Callecia primitiva; porque já no tempo de Strabão (*hoje*, diz o geographo grego), a Callaica era, como já vimos, tudo o que fica para além do Douro na direcção do norte (III, 4, 20).

Vejamos se os historiadores concordam n'esta maneira de vêr. A primeira vez que o nome de Callecios apparece na historia é, me parece, a proposito dos ultimos combates de Viriato. Burlado por este illustre caudilho lusitano, Cipião vai devastar o paiz dos Callaicos (App. VI, 70), o que parece provar que estes eram alliados de Viriato e o tinham auxiliado efficazmente. Em seguida não conheço mais nada de positivo senão uma noticia de Paulo Orosio, que deve ter sido extrahida da Historia de Livio, porque condiz perfeitamente com o Epitome. «Na Hispanha Ulterior D. Junio Bruto alcança uma victoria sobre os Gallecos» (Epit. 56). E Orosio (v, 5): «Na Hispanha interior (*sic*) Bruto surprehende e derrota em rija batalha sessenta mil Gallecos, que vieram em auxilio dos Lusitanos. Diz-se que lhes matára cincoenta mil homens e aprisionára seis mil, sendo poucos os que escaparam.»

Se dermos á ordem em que os acontecimentos são expostos no Epitome o valor d'uma ordem chronologica, o que me parece perfeitamente justificavel, tanto mais que as duas noticias vêm em livros consecutivos, a grande batalha

¹ Chamo Callecia primitiva á Callecia immediatamente anterior á expansão dos Callecios sobre o nordeste da peninsula.

deu-se depois da passagem do Lima por Bruto e antes da derrota de Lepido contra os Vacceus. É esta a ordem do Epitome:

«Livro LV. . . D. Junio Bruto toma trinta cidades de assalto e submete toda a Lusitania até ao poente e ao oceano. Os seus soldados recusavam-se a passar o rio *Oblivio*; elle então arranca d'um estandarte e, atravessando com elle o rio, consegue assim fazer-se seguir do seu exercito.

«Livro LVI. Na Hispanha Ulterior D. Junio Bruto *alcança uma victoria sobre os Gallecos*. Menos feliz n'um combate contra os Vacceus, o proconsul M. Emilio Lepido repete o desastre numantino. . . »

Appiano, contando a campanha de Bruto, expõe estes factos mais circumstanciadamente. Diz elle que Bruto vinha conquistando a Lusitania, passára o Douro e chegára ao Lima, tomando refens de muitos povos, que se lhe vinham entregar; sem registar a mais pequena resistencia (vi, 72). Segundo o Epitome de Livio é depois da passagem do Lima, que apparecem os Gallecos; em auxilio dos Lusitanos, diz Orosio. Portanto o paiz, que elle acaba de submeter com tanta facilidade, não é o dos Gallecos, com quem foi a grande batalha, não é o das Callecias de Strabão e Plinio, e, não sendo este, e sendo aquelle situado entre o Douro e o Lima, não pôde ser outro senão o dos Lusitanos de Strabão, a oeste dos Callaicos, o dos Bracharos de Plinio. Os historiadores confirmam pois e explicam o que dizem os geographos.

Continúa Appiano a sua narrativa e diz que, passado o Lima, quando Bruto se encaminhava para o Minho, os *Bracharos* lhe picaram a rectaguarda, saqueando-lhe as bagagens. Bruto retrocede para os castigar e o nosso historiador diz, chegando a este ponto: *Esta nação é bellicosissima*. De certo *esta nação* é já outra, differente d'aquella que o general romano acaba de submeter com tanta facilidade. Effectivamente a lucta foi ferocissima. As mulheres batalhavam como os homens, armadas como elles; preferiam morrer em combate com o inimigo a pedir misericordia; as que eram aprisionadas pelo romano matavam os proprios filhos e matavam-se para não cahirem em escravidão. Esta batalha portanto é sem duvida alguma a celebre batalha de Livio e Orosio contra os Gallecos. Appiano não conta outra n'estas alturas e elle não podia esquecer uma acção em que tinham entrado por parte dos inimigos sessenta mil combatentes como lhe dizia Livio, elle que fazia a historia particular da campanha de Bruto. Pôde Appiano justificar-se de chamar Bracharos aos Gallecos?

É certo que já, desde muito antes d'elle, os Gallecos e outros povos pertenciam ao convento dos Bracharos (Plinio, III, 4, 14). É porém igualmente certo que elle conhecia os Callaicos, como se prova d'uma passagem já citada, e que os seus textos, se a nossa interpretação é exacta, lhe fallavam expressamente em Gallecos. Ignoraria já Appiano onde ficava a Callecia primitiva?

Deve contudo o leitor ser generoso com o historiador alexandrino, visto que elle nos conserva noticias de factos, que se não encontram em outra parte. O Epitome e Orosio só nos fallam d'uma grande batalha. Appiano diz-nos como a Callecia primitiva foi conquistada. Já vimos o papel representado pelas mulheres d'aquelles a que chama Bracharos na defeza dos seus lares patrios. Segue immediatamente, dizendo que, apesar d'essa formidavel lucta, algumas cidades se entregaram a Bruto, e deve-se entender que elle submetteu o paiz. Logo depois o vamos nós encontrar auxiliando Lucullo no cerco de Pallancia (VI, 81-82) e não pôde suppôr-se que deixasse a sua rectaguarda ameaçada. Os Romanos foram porém infelizes n'este cerco e o resultado sabido de todos os seus desastres era sublevarem-se immediatamente os povos recentemente vencidos. Foi o que aconteceu na Callecia pelo que diz Appiano, que as cidades rendidas se tinham rebellado não muito depois; mas que por ultimo foram definitivamente subjugadas (VI, 72), provavelmente na volta de Pallancia.

Com o desenvolvimento orographico do territorio attribuido por Strabão e Plinio á Callecia primitiva, desde o Marão até á Nogueira, desde a Cabreira e o Gerez, *que sobranceam Braga*, até ao Reboredo, está tambem de accordo o breve desenho que o mesmo Strabão d'elle faz: « Os Callaicos occupam uma grande parte das montanhas e foram por isso mais difficeis de vencer. » Nós já vimos tambem de que natureza foram essas difficuldades. Provavelmente Bruto seguiu com os Gallecos os mesmos processos que todos os generaes romanos seguiam na Hispanha onde encontravam uma resistencia maior: desmantelavam as cidades e obrigavam a descer para os vales as populações indefezas. Este facto disseminaria os Gallecos pelas regiões contiguas; mas não foi só este, pelo que nos conta Strabão, o motivo de se estender o nome d'elles a toda a região da Hispanha a norte do Douro: « Vêm por fim os Callaicos, diz elle, que occupam uma grande parte das montanhas, e que, *tendo sido por esta razão mais difficeis de vencer, mereceram dar o seu nome ao vencedor dos Lu-*

silanos e mesmo conseguiram estendel-o e impôl-o hoje á maior parte dos povos da Lusitania» (III, 3, 2). Se nos lembrarmos de que os povos ao norte dos Gallecos tinham tão pouca importancia e viviam em tal obscuridade que não valia a pena fallar-se d'elles (III, 3, 3), comprehendemos facilmente como o povo valente que soube dar o seu nome ao vencedor dos Lusitanos, o deu tambem a todo o noroeste da Hispanha, quando os Romanos precisaram de designar toda a região no seu conjunto por um nome commum. Que outro lhe podiam elles dar tão afamado como o de Gallecos?

A Callaica primitiva é pois um dos povos da Hispanha, cujo assento geographico está mais bem delimitado, e cuja historia mesmo, nos tempos da invasão romana, está mais bem documentada, se é exacta a interpretação que damos ao paragrapho LXXII d'Appiano, desde a passagem do Lima. Seria até conhecida a data da sua conquista por Bruto, e portanto do tempo em que principiou a ampliar-se a significação do seu nome. Esses acontecimentos davam-se em 137 a. C., segundo anno do governo de Bruto na Ulterior, e no segundo semestre d'esse mesmo anno, durante o governo de Lucullo na Citerior, visto que elles são immediatamente anteriores e posteriores ao cerco de Pallancia. Em todo o caso, segundo a velha geographia de Strabão, ao tempo de Bruto ainda os povos a poente dos Gallecos, os Bracharos de Plinio, são Lusitanos, embora o não sejam para este, visto que a Lusitania de Plinio principia no Douro; são tambem Lusitanos para Livio se foi n'elle que Orosio bebeu as suas noticias tão conformes com as do Epitome; não são Lusitanos nem Gallecos, mas simplesmente Bracharos, para Plinio. Segundo o mesmo Strabão é de Bruto que data a ampliação do nome de Callectia a toda a região do noroeste da peninsula.

A poente os Bracharos, que occupam aproximadamente o territorio que hoje se divide nos dois districtos do Porto e Braga, a norte o Lima, a sul o Douro, a nascente a Asturia, a Gallecia primitiva era com pequenas differenças a nossa moderna provincia de Traz-os-Montes. Foram os seus valentes e barbaros moradores os generosos alliados de Viriato nos seus ultimos combates; foram elles os vigilantes defensores dos Bracharo-Lusitanos; elles que deram o seu nome e a homogeneidade á futura nação gallega, embora mais tarde os accidentes da historia os desmembrassem do tronco de que elles foram a cabeça, como o Portucale do seculo IX deu o seu ao moderno Portugal; elles que n'uma historia posterior tantas

vezes haviam de mostrar os sentimentos nacionalistas e as energias viris próprias d'uma raça creada aos ares lavados das suas altas montanhas.

QUARTA LUSITANIA, « a da partilha das provincias, que acaba de fazer-se, entre o Povo e o Senado d'uma parte, e o Principe da outra, abrangendo as populações comprehendidas entre a fronteira da Betica e o curso do Douro, inclusive Emerita Augusta » (III, 4, 20). A parte da Iberia em que vivem estas populações, diz tambem o mesmo auctor, *recebeu o nome especial* de Lusitania. De facto, esta Lusitania da partilha entre o Povo, o Senado e o Imperador, já não é a Lusitania dos tempos heroicos. Perdeu quasi todos os povos limitrophes de leste, os Carpetanos, Vacceus, Callaicos, etc.; de todo o grande espolio das guerras viriaticas só lhe ficaram os seus velhos alliados Vettões; perdeu mesmo, da maneira que vimos, toda a região desde o Douro ao mar Cantabrico, que fôra a Lusitania primitiva, o assento das primeiras tribus de Ligures, parte da qual ainda hoje, irmã nossa pela raça e pela lingua, lamenta o seu desmembramento; ganhou em compensação toda a região do sul, o antigo paiz dos Cuneos ou Cynetes. Estas alterações de limites não modificaram porém as condições ethnicas da região, porque, á parte os pequenos restos dos Celtas do Ana, todos os povos d'esta faixa do occidente eram da mesma raça, tinham os mesmos usos e costumes. Talhada á parte, n'esse conjunto de populações irmãs, pela politica de Roma, a Lusitania ia, sob a direcção da cidade eterna, centro da sua raça, habilitar-se por uma vida em commum de muitos seculos a representar mais tarde um importante papel historico.

D. LEITE DE CASTRO.